

EVANGÉLICOS PODEM DESBANCAR CATÓLICOS NO BRASIL EM POUCO MAIS DE UMA DÉCADA



Quando se diz "*uma carola que virou crente*", a ambulante Maria Aparecida dos Santos, 43, não deixa de ser uma boa metáfora para o Brasil.

Assim como essa ex-"*tiete do João Paulo 2º*" (na definição da própria) que há 15 anos migrou para a Assembleia de Deus, o país vive há três décadas uma transição religiosa que poderá, em 12 anos, destronar o catolicismo —os tais "*carolas*"— como a maior fé nacional.

Após cinco séculos de domínio da Santa Sé, vem aí a era da maioria evangélica —os "*crentes*". A previsão é de José Eustáquio Alves, doutor e pesquisador em demografia.

Entre 1991 e 2010, os católicos caíam 1% ao ano, e os evangélicos cresciam 0,7%. Segundo Alves, são várias as indicações de que a queda do primeiro grupo passou para 1,2% nos últimos anos, a e a subida do segundo, para 0,8%. Se aplicar estas taxas num modelo de projeção geométrica, diz o demógrafo, chegamos a essa projeção.

De 2010 para cá, o tropeço seria ainda maior. Hoje, católicos são metade do país, segundo pesquisa Datafolha feita nos últimos dias 5 e 6 de dezembro. E foram os evangélicos que melhor ocuparam esse espaço vago, seguidos por pessoas que se declaram de outras religiões ou sem nenhuma delas (este grupo, no período, expandiu-se em torno de 0,4% por ano).

Alves, que se aposentou neste ano do IBGE, projeta que a partir de 2022, o ano em que o país comemora sua independência, os seguidores do Vaticano devem encolher para menos de 50% e, dez anos depois, seriam 38,6% da população.

Já os evangélicos alcançariam em 2032 a marca dos 39,8%. Ou seja, superariam os irmãos de fé cristã.

Esse segmento, a mais veloz locomotiva dos protestantes, um movimento que se separou da Igreja Católica meio milênio atrás, teria então maioria simples, mas não absoluta —mais do que a metade populacional.

"*Não sei se este crescimento vai continuar. Não existe nenhum determinismo nesta questão*", diz Alves. "*Mas é uma possibilidade que está aberta, e os evangélicos podem, sim, ser maioria absoluta lá pelos idos de 2050. O futuro dirá?*"

De tão dinâmica, essa placa tectônica de fé fez o próprio pesquisador reajustar suas expectativas. Em artigo de 2017, Alves calculou que evangélicos ultrapassariam católicos até 2040. Esse deslocamento demográfico aligeirou, contudo, o que o levou a antecipar essa tendência em alguns anos.

Para o pesquisador, palavras-chave para essa aceleração: ativismo evangélico, passividade católica e maior interação entre igrejas evangélicas e política. E pode colocar nessa equação o apoio em massa dos maiores líderes do segmento ao presidenciável Jair Bolsonaro em 2018.

Três décadas bastaram para o Brasil perder um monopólio relativamente estável desde a chegada dos portugueses —que celebraram a primeira missa por aqui em 26 de abril de 1500, quatro dias após desembarcarem.

"A Igreja Católica participou do projeto de colonização e cresceu muito se fortalecendo junto às populações rurais, com baixa mobilidade social e com pouco dinamismo", afirma Alves.

O primeiro censo demográfico nacional, de 147 anos atrás, num território ainda sob auspícios imperiais, revelou que 99,7% da população (quase 10 milhões de pessoas) se curvava à Santa Sé.

É claro que é preciso certa cautela para se debruçar sobre esses dados, diz o pesquisador. *"Em 1872, éramos uma monarquia, e a católica era a religião oficial. Outras religiosidades eram perseguidas ou bastante controladas. Por exemplo, todos os escravos foram definidos como católicos, sem ter chance de escolhas. As crenças indígenas também não apareceram".*

Para Clemir Fernandes, pastor batista e sociólogo do Iser (Instituto de Estudos da Religião), outro cuidado a ser tomado diz respeito ao potencial de dilatação dos evangélicos. *"Todos os movimentos têm tetos de crescimento, pois estão em interação com muitos outros".*

Cravar se o grupo religioso vai ou não ser majoritário no país entra no terreno da futurologia, afirma. Mas comparações com fenômenos vizinhos seriam possíveis.

Fernandes lembra da Coreia do Sul. O país tem um número significativo de pessoas sem quaisquer filiações religiosas (56%, segundo censo de 2015). O maior bloco de fé é o protestante, com quase 20%, excedendo budistas e católicos.

Essa dianteira, contudo, se estabilizou, aponta o sociólogo. *"Nos anos 1980 e 1990, evangélicos sul-coreanos aumentaram em taxas muito elevadas. Já nos anos 2000 isso arrefeceu, e a Igreja Católica voltou a crescer".*

Para ele, são multicausais os fatores que levaram evangélicos ao atual patamar no Brasil. Se pararmos para pensar, o grupo propulsionou sua presença a partir da redemocratização, *"quando a sociedade tradicionalmente católica passa por mudanças, e havia espaço para novas possibilidades, incluindo novas crenças."*

Fora que a oratória evangélica, sobretudo a neopentecostal, parece ser o número dos nossos tempos, diz Fernandes. *"A pregação católica é mais coletivista, e o mundo se tornou mais individualista, procurando resolver problemas de maneira mais individual. A evangélica tem uma pregação que conjuga esse tipo de apelo".*

E ela atende também a tempos mais apegados à customização. *"Essas igrejas têm uma diversidade enorme de discursos diferenciados para movimentos, tribos e classes sociais. Tem para todos os gostos, e é bom que se diga sempre, até para LGBTs, o que não acontece tanto no mundo católico, de certa homogeneidade".*

Uma senhora com mais de dois milênios, a Igreja Católica pode ser mais lenta para se adaptar a novas realidades, mas não dá para menosprezar uma tradição de séculos, e parada ela também não está. A Renovação Carismática dos católicos é um bom exemplo de reação, segundo Fernandes.

"O declínio seria muito maior se não fosse a atuação forte dessa corrente em meios de comunicação, com um estilo de pregação e uma estética litúrgica muito parecidos com os pentecostais e neopentecostais, segmento que mais cresce no mundo evangélico".

Maria Aparecida, nossa "ex-carola" que hoje segue a pentecostal Assembleia de Deus, ama ouvir Marcelo Rossi e outros padres cantores, marca dos carismáticos. Também foi com a cara "deste novo papa aí", Francisco, que lidera a Igreja desde 2013. "Ele é fofinho, o anterior [Bento 16] era mais chatola", diz.

Batizada evangélica numa piscina dentro de uma igreja que não existe mais, Maria conta que virar crente foi a melhor coisa que aconteceu para sua vida. "Mas não tenho birra com os católicos, não. Se eles são maioria, se é a gente, o que importa é o Senhor nosso Deus ser soberano. Amém?"

Fotos: Maiores: Templo Católico e Templo Evangélico / Divulgação

<https://www.jornalpanfletus.com.br/noticia/1178/evangelicos-podem-desbancar-catolicos-no-brasil-em-pouco-mais-de-uma-decada> em 09/04/2026 06:18